

O PAPEL DAS MATRIZES PARADIGMÁTICAS, IDEOLOGIAS CIENTÍFICAS E CORRENTES GEOGRÁFICAS NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Professor de Geografia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Doutor em Geografia pela Unesp/Rio Claro, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Sidelmar Alves da Silva Kunz

Pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

RESUMO

Esta pesquisa possui como proposta de debate trazer os elementos constituintes das matrizes paradigmáticas e correntes do pensamento geográfico e seu papel para Geografia Escolar. Em acréscimo a este ponto de partida soma-se a questão envolvendo a diferenciação entre matriz paradigmática e ideologia científica, necessária para um aprofundamento das principais rotas teóricas e bases metodológicas do pensamento geográfico. Como ponto de chegada temos a Geografia Escolar, e de como podemos trazer estes elementos históricos, epistemológicos, ideológicos e metodológicos do pensamento geográfico para a realidade da prática didático-pedagógica no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Matrizes Paradigmáticas; Correntes Geográficas; Ideologias Científicas; Geografia Escolar.

THE ROLE OF PARADIGMATIC MATRIXES, SCIENTIFIC IDEOLOGIES AND GEOGRAPHICAL CURRENTS IN SCHOOL GEOGRAPHY

ABSTRACT

This work has as main debate proposal to bring the constituent elements of the paradigmatic matrices and currents of geographical thought and their role for School Geography. In addition to this starting point is the issue involving the differentiation between paradigmatic matrix and scientific ideology, necessary for a deepening of the main theoretical routes and methodological bases of geographical thinking. As a point of arrival we have the School Geography, and how we can bring these historical, epistemological, ideological and methodological elements of geographic thinking to the reality of didactic-pedagogical practice in school daily life.

Keywords: Paradigmatic Matrices; Geographical currents; Scientific ideologies; School geography.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é discutir os paradigmas do pensamento geográfico e as ideologias geográficas em meio ao ambiente escolar, tendo como superfície de análise os discursos, as interlocuções e as representações, com vistas a subsidiar reflexão acerca do currículo de geografia escolar.

As ciências se desenvolvem por etapas, nichos acadêmicos de aprimoramentos conceituais e por figuras históricas que representam frentes de aperfeiçoamentos de métodos e teorias. Estas grandes fases ou etapas de desenvolvimento do pensamento científico são chamados de paradigmas, que congregam diferentes elementos que fazem parte da historiografia científica e filosófica.

Na Geografia temos também um cenário de etapas, fases e paradigmas de pensamento. Há momentos de reflexão, inflexões ou saltos epistemológicos, a depender da época que analisamos e observamos. Desde sua institucionalização como ciência no século XIX, a Geografia passou por diferentes momentos de avanços, recuos, redefinições, depurações ou sincretismos em seus postulados epistemológicos.

Resgatar os principais representantes do legado historiográfico da ciência geográfica soma-se ao esforço de apropriação epistemológica mencionada na seção anterior deste capítulo. Identificar os elementos constituintes dos desdobramentos teóricos de sua ciência estabelece diante do cientista ou professor uma base segura do uso, importância e relevância dos saberes que o mesmo possui e de como encontrará os melhores meios argumentativos, discursivos, sintéticos ou analíticos de apresentar tais passagens paradigmáticas aos seus estudantes.

MATRIZES, CORRENTES, IDEOLOGIAS...

A Geografia, assim como as demais ciências, possui, portanto, um legado cultural dos seus temas, métodos e teorias. Por fazer parte de um todo maior e mais complexo, é preciso que façamos, sempre, um exercício de abertura e contextualização destes paradigmas no âmbito social e histórico, encontrando as influências e aspectos que determinaram o direcionamento destas diretrizes dos postulados de compreensão da realidade e do mundo, assim como nos alerta Luckesi (2011, p. 175):

O legado cultural da sociedade – conhecimentos, habilidades, valores, bens – constitui os conteúdos escolares, especialmente na sua vertente elaborada. A cultura cotidiana é aprendida e vivida espontaneamente no dia a dia; não necessita de uma intervenção intencional para ser adquirida. A cultura elaborada é complexa, coerente, consistente, orgânica, por isso necessita de um trabalho sistemático e intencional para ser assimilada e adquirida. Por ser assim, ela possibilita ao sujeito que a possui um patamar mais universal de compreensão do mundo, com possibilidades mais amplas de ação.

Admitir que a ciência possui uma multiplicidade de caminhos de desenvolvimento, com seus encontros e desencontros, colabora para que consigamos perscrutar suas características, avanços e recuos. Particularmente quando tratamos da Geografia, por se tratar de uma ciência que possui a sociedade na essência dos seus estudos, exige-se uma atenção redobrada para a observação dos principais acontecimentos e contextos nos quais suas teorias foram desenvolvidas e, também, nos recortes acadêmicos, de autores, obras e métodos, que suas correntes de pensamento emergiram como referenciais para as geografias de seus tempos.

Um **paradigma** é formado por um conjunto de postulados, teorias, conceitos, princípios e fundamentos que, juntos, compõem uma corrente de pensamento de determinada ciência. Nas ciências exatas e biológicas há a presença do método científico de maneira mais contundente, estabelecendo a prova e contraprova como fronteira entre a vigência e importâncias dos seus paradigmas. Nas humanidades o discurso, as interpretações e remodelações reflexivas são determinadas pelo movimento de fatos e fenômenos

contemporâneos é que estabelecem o alcance de suas teorias e remodelação de seus escopos teóricos e metodológicos.

Os modelos paradigmáticos são postos e dispostos de maneira que possam representar uma grande quantidade de características de uso de conceitos, hipóteses, metodologias e teorias que justifiquem a sua identificação como fase ou período de uma determinada ciência.

A Geografia Quantitativa ou Neopositivista e a Geografia Crítica e Radical formaram o principal ponto de distanciamento entre correntes de pensamento geográfico mais recentes. No entanto, ressalta-se que muitos geógrafos críticos iniciaram suas carreiras em estudos de quantificação e, atualmente, a Geografia Crítica passa por um momento de revisionismo de seus postulados, de modo a resgatar a formação e conceituação de cunho mais sistemático e próximo da quantificação, como complementação aos seus métodos e estudos.

No caso da Geografia esta diferenciação das matrizes paradigmáticas está relacionada a três fatores, principalmente: o contexto histórico e geográfico no qual o paradigma surgiu e permaneceu dominante; o arcabouço epistemológico que permitiu o surgimento, expansão e aplicação dos métodos, categorias e pesquisas envolvendo a referência teórica da hegemônica no período; e, por último, há a questão da abrangência destes paradigmas com relação ao seu alcance em diferentes escolas ou correntes de pensamento geográfico, pois muitas vezes não há um alcance que justifique o entendimento de demarcação para uma matriz paradigmática, especialmente em ciências que lidam com fatos e fenômenos relacionados à sociedade.

Para que possamos compreender melhor os grandes momentos e fronteiras do pensamento geográfico, organizamos um quadro no qual é possível observar a matriz paradigmática, pautada no critério do período em que a mesma esteve em evidência e protagonismo teórico, metodológico e discursivo, as correntes de pensamento da Geografia que surgiram a partir destas matrizes e, por fim, alguns dos principais autores que compõem ou fizeram parte destas correntes de pensamento.

Observe o Quadro 1 no qual podemos identificar as nomenclaturas, correntes, teóricos, categorias e conceitos-chave e autores de referência para as principais correntes do pensamento geográfico.

Quadro 1: Matrizes paradigmáticas do pensamento geográfico

Matriz Paradigmática	Período	Correntes de Pensamento	Autores de Referência
Geografia Tradicional ou Clássica	Final do século XIX e início do século XX	Geografia Geral e Regional Antropogeografia Determinismo Zoogeografia Possibilismo Monografias Regionais	Alexander von Humboldt Carl Ritter Friedrich Ratzel Paul Vidal de laBlache
Geografia Moderna	Pós-Segunda Guerra Mundial	Estudo das áreas Geografia dos sistemas Geografia Ativa Geossistemas Geografia Teorética	Richard Hartshorne Alfred Hettner Walter Christaller Pierre George Raymond Gluglielmo Bernard Kayser Willian Bunge

			Viktor Sochava Georges Bertrand Speridião Faissol Antonio Christofolletti
Geografia Contemporânea	Final do século XX e início do século XXI	Geografia Crítica Geografia Humanista/Cultural Geografia Ambiental	Yves Lacoste David Harvey José Willian Vesentini Milton Santos Yi-Fu Tuan Anne Buttimer Edward Relph Aziz Nacib Ab'Sáber Bertha Becker

Elaboração própria.

A Geografia, assim como outras ciências humanas, muitas vezes não possui muito claro quais são as suas fronteiras nas correntes de pensamento que fazem parte de seu desenvolvimento epistemológico. Desta maneira, é sempre bom ter em mente que podemos encontrar obras e autores em diferentes fases (especialmente em situações de passagem temporal das mesmas) da história do pensamento da Geografia.

Além das características expostas no quadro anterior, podemos apontar algumas características complementares a respeito destas matrizes do pensamento geográfico e seus desdobramentos conceituais, teóricos, metodológicos e discursivos. Alguns destes pontos estão destacados no Quadro 2.

Quadro 2: Características das Matrizes Paradigmáticas

Matriz Paradigmática	Características
Geografia Clássica ou Tradicional	Esta matriz paradigmática possui sua origem em meio ao grande movimento científico do final do século XIX, envolvendo principalmente as humanidades. Buscava-se um reconhecimento destes campos do saber a partir do estabelecimento de métodos e procedimentos de análise dos fatos e fenômenos da realidade objetiva.
Geografia Moderna	Nesta matriz paradigmática observa-se uma fase de transição do pensamento geográfico. Por estar localizada no período pós-guerra, emergiram diferentes propostas de rotas epistemológicas a partir das quais a Geografia poderia encontrar suas novas identidades científicas.
Geografia Contemporânea	Seria mais correto chamarmos de “Geografias Contemporâneas” como será trabalhado logo adiante, pois ainda estão surgindo desdobramentos, aperfeiçoamentos e novas dialogias teórico-conceituais no âmbito da ciência geográfica na atualidade.

Elaboração própria.

Aos professores de Geografia fica a questão de se aprofundarem ao máximo nas diferenciações de autores, conceitos e periodizações da história do pensamento geográfico. Ter ciência desta diversidade nas correntes de pensamento e matrizes paradigmáticas apenas colaborará com seu instrumental didático-pedagógico no seu cotidiano escolar.

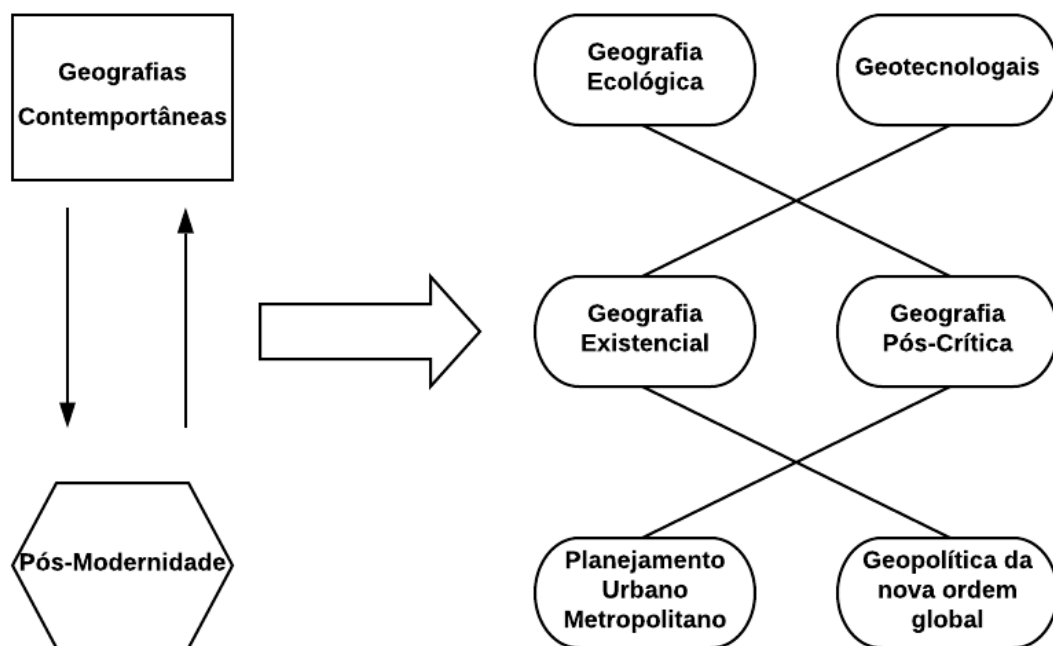
Conteúdo e método, embora distintos, não existem um sem o outro na educação. Decidir por um método passivo ou por outro interativo e participativo decerto incide de

modo diferente no desenvolvimento do pensamento e do raciocínio do aluno em sua formação social, levando-o a direções também diferentes:

A discussão com o professor em formação inicial ou continuada sobre a consciência e a coerência de sua opção teórico-metodológica é fundamental para trabalhar com a educação geográfica dos alunos e, sobretudo, ter o respeito dos estudantes como educador e profissional que sabe Geografia (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 38-39).

E esta discussão teórico-metodológica pode ser observada nas novas tendências da Geografia acadêmica e que pode ser levada para o campo escolar, como exemplificado na Figura 1.

Figura 1: Geografias Contemporâneas – Novas Tendências



Elaborado própria.

Na Figura 1 pudemos notar as principais correntes desenvolvidas em período mais recente no que tange ao pensamento geográfico, vejamos, com mais profundidade, algumas destas características, que podem ser encontradas em relatórios da ONU sobre os Objetivos de Desenvolvimento e os Objetivos do Milênio, bem como periódicos geográficos como Geosaberes, Mercator, GEOUSP, Revista de Geografia de Rio Claro, Ateliê Geográfico, Geotextos, dentre outras fontes de produções atuais relacionadas à Geografia. Como se pode verificar no Quadro 3.

Quadro 3: Características das Correntes de Pensamento Geográfico Recentes

Corrente de Pensamento Geográfico	Características
Geografia Ecológica	Agenda 2030: Em continuidade aos acordos e tratados ambientais assinados nas últimas décadas e, em especial na esteira do Rio-ECO/92 e Rio +20, a UNESCO estabeleceu novas metas ambientais e ecológicas para 2030, e a Geografia, tanto acadêmica como e a escolar, deve estar atenta aos rumos dessa nova fase da agenda ambiental global.
Geografia Existencial	Como um passo adiante no desenvolvimento da corrente de pensamento humanista e cultural, como desmembramentos também da liquidez pós-moderna, atualmente o existencialismo e o método fenomenológico estão encontrando novos nichos acadêmicos, pautando seus estudos na escala do sujeito, em aspectos psicoemocionais e de interação pessoal. Traduzir e levar estas novas direções epistemológicas para a sala de aula é um desafio, mas que pode ofertar novas estratégias pedagógicas aos professores de Geografia.

Geotecnologias	Novamente um movimento de evolução e aprimoramento de correntes de pensamento, método e pesquisa já existentes, que são as tecnologias de georeferenciamento. A análise dos fatos e fenômenos geográficos por meio destes recursos matemáticos, sistemáticos e computacionais faz com que abra-se uma porta de atualização de linguagem dos conteúdos para o público contemporâneo, cada vez mais próximo de interagir com estas novas ferramentas de pesquisa e análise, assim como sua aproximação e correlação com as tecnologias da informação e comunicação.
Geografia Pós-Crítica	A Geografia Radical sofreu alguns recuos teóricos e metodológicos nas últimas décadas. Como resposta a esta inflexão, houve um movimento de incremento epistemológico e resgate histórico dos caminhos que poderiam ser trilhados para sua atualização aos novos tempos, especialmente no que se refere ao estudo da diversidade escalar da cultura, em micro ou macro análise, um dos campos de maior desenvolvimento das atuais geografias de análise histórico-dialética.
Planejamento Urbano Metropolitano	O planejamento urbano obteve grandes momentos de evidência e protagonismo na história do pensamento geográfico, seja no ordenamento territorial pautado no futurismo e modernismo pré-guerra, seja nas releituras das(s) urbanidade(s) no pós-guerra, com a explosão demográfica e multiplicação do modo de vida metropolitano. Atualmente há grande quantidade de estudos voltados para uma nova visão e entendimento do conceito de cidade para o século XXI, revisitando e revisando muitos dos postulados e referenciais antes tidos como fundamentos da Geografia urbana e planejamento e ordenamento territorial.
Geopolítica da Nova Ordem Global	A política sempre será tanto um desafio como uma porta aberta para os estudos geográficos. Acompanhar os desdobramentos das relações de poder locais, regionais e globais, sempre será fonte de grandes possibilidades didático e pedagógicas para a Geografia escolar.

Elaboração própria.

As Geografias Contemporâneas apresentadas formam algumas das tendências da ciência geográfica atual. É importante lembrarmos, sempre, que este protagonismo temático ou de análise varia de acordo com o contexto e ambiente que analisamos, sendo que estas tendências sofrem constantes mudanças e atualizações por parte do meio científico geográfico e da ciência como um todo.

O mundo contemporâneo está em transformação, e assim sempre foi e continuará sendo com a realidade objetiva. Às ciências que se dispõem a estudar tais transformações cabe o esforço de não se negarem a rever suas bases, argumentos e teorias. No caso da Geografia, o espaço e seus conceitos e princípios, que buscam explicar este mundo, sempre terão em suas essências o tangenciamento destas mudanças o mundo que vivemos, e que devem ser transpostas para linguagem escolar dos currículos, materiais didáticos e aulas dos professores.

O caminho que os professores de Geografia possuem para chegar nesta requerida e necessária atualização constante de sua prática docente é voltar-se, sempre, para os estudos e pesquisas em sua área de formação. O professor-pesquisador conseguirá encontrar, na Geografia e nos métodos de aprendizagens, formas de abarcar em seu cotidiano escolar os conteúdos, temas, habilidades e competências exigidos nos currículos de Geografia.

A perspectiva é trabalhar de forma investigativa pressupõe uma mudança na atitude perante o conhecimento. Significa ultrapassar a visão da prática pedagógica como simples transmissão de um conhecimento pronto e acabado que os alunos não possuem e implica outra concepção de educação, de acordo com a qual o

conhecimento é visto à luz de seu processo de produção e apropriação, como produto social de contextos históricos determinados – relevando-se, portanto, alvo provisório, em permanente processo de construção e reconstrução (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 96).

O domínio epistemológico do profissional da educação lhe dá segurança argumentativa, discursiva e recursos para sua desenvoltura quanto à instrumentação de ensino que fará uso em sala de aula. A realidade do mundo é ampla, complexa e está em constante mudança.

As matrizes paradigmáticas alteram-se, as correntes de pensamento multiplicam-se e as influências de outras áreas do saber também se mostram próximas. Correlacionar esta totalidade de influências numa mescla profícua de ensino e aprendizagem da Geografia escolar é o que deve ter como compreensão os futuros professores da ciência geográfica: “Além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem.” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 97).

Conectar os conteúdos a realidade que se estuda e ensina não deve configurar-se como uma dificuldade, mas sim como um campo de imensurável possibilidade de uso e exploração didático-pedagógica para o professor de Geografia, no ambiente escolar e do cotidiano da sala de aula: “A medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios para a interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada e organizada do mundo. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 97).

O professor-pesquisador é um investigador de sua realidade, conectado aos movimentos e mudanças tanto das teorias de sua ciência como aos fatos e fenômenos do mundo. Levar este esforço de atualizar-se epistemologicamente é um dos maiores desafios na formação de profissionais da educação, tanto em sua fase inicial como a continuada.

A escola, como reflexo da sociedade, oferece diferentes possibilidades de conexão com a realidade que está inserida. Observar e aproveitar o potencial desta inerente relação entre o ambiente escolar e seu contexto social traz benefícios para a prática docente, construindo pontes entre o que está em voga na academia com os acontecimentos contemporâneos e, ambos, direcionados para os currículos escolares e o dia-a-dia da sala de aula para a formação integral do estudante e sua relação com o mundo e sociedade que faz parte, interage e transforma.

Qual seria a diferença entre a matriz paradigmática, a corrente de pensamento e a ideologia teórica? Tal diferenciação é fundamental. Muitas das correntes de pensamento das ciências ficam próximas de contextos políticos e individuais específicos, formando o que costumamos chamar de ideologias científicas.

Em outras palavras adiciona-se a questão ideológica aos postulados científicos quando as descobertas, postulações e análises das ciências estão direcionadas para fins pré-determinados ou então são apoderadas para estes interesses, ou seja, um roteiro contextual não tão difícil de ser encontrado na história da ciência.

A disciplina geografia deve encaminhar o aluno a desvendar o mundo de vida, percebendo que a globalização atual se faz, se concretiza no local. Deve, portanto, permitir que o aluno tenha os fundamentos essenciais para conhecer e reconhecer o lugar em que vive como uma reprodução do mundo globalizado, para estudar o local de sua vida cotidiana e compreendê-lo no contexto maior (CALLAI, 1995, p.266).

Portanto, podemos perceber uma diferença intrínseca entre a ideologia científica e o paradigma teórico e metodológico, que ao mesmo tempo paradoxal e esclarecedor. Como vimos a neutralidade científica é uma projeção mítica do entendimento popular da figura da ciência e dos cientistas em geral, e a produção do conhecimento sempre estará entremeadado em contextos específicos e interesses específicos. Vejamos, a seguir, quais são as principais características de uma ideologia científica:

I - A maior influência perceptível nas ideologias científicas são àquelas direcionadas ao modo de produção dominante. É comum que haja demandas políticas para programas, planos e estratégias econômicas ao meio científico, e este último forneça, direta ou indiretamente, os meios pelos quais a economia fará uso de suas pesquisas.

II - Questões bélico-militares também possuem grande infiltração na produção de ideologias científicas. Novamente, muitas vezes não há presença direta dos postulados científicos nesta influência, mas suas teorias afetam ou são aproveitadas pelos representantes do Estado, como, por exemplo, a teoria geopolítica da área pivô-central no período das grandes guerras.

III - A formulação de currículos e a organização da estrutura escolar de um estado nacional sempre estão ligados aos representantes do poder. Conhecimento é símbolo de domínio e controle e obter os meios pelos quais direcionar a maneira como as informações e saberes chegarão nas salas de aula sempre será objeto de interesse e exploração em qualquer cenário histórico, geográfico, político e econômico.

IV - O fomento a pesquisa sempre será foco de grandes debates. Sabe-se que há áreas do saber que retornam seus investimentos de forma mais direta e imediata à sociedade, ao mercado ou ao Estado. Por haver esta diferenciação de importância, aparente, entre os diferentes saberes e ciências, sempre haverá o domínio ou vigência de correntes de pensamento próximos a determinados posicionamentos ideológicos.

V - Os meios de comunicação podem favorecer ou dificultar a produção de conhecimento. Muitas vezes as ideologias científicas ora se beneficiam ora são afetadas negativamente pelos meios de comunicação em massa. A explicação para este fenômeno se dá pelo fato de as grandes corporações midiáticas também estarem direcionadas aos seus próprios interesses, sejam de estado ou ligadas a algum governo, e possuem os meios de apresentar os estudos científicos para a sociedade.

Assinala-se que a neutralidade científica possui um dos mais longos e complexos debates sobre ao conhecimento científico. Fazer ciência é ter que lidar com escolhas, recortes temáticos, opções de métodos e conceitos, abrangência do alcance das amostragens e cruzamentos de dados e, finalmente, apresentação dos resultados obtidos. A intencionalidade sempre fará parte da produção científica, e no ensino escolar esta intencionalidade transparece muitas vezes no direcionamento discursivo dos temas e conteúdos.

A ideologias científicas fazem parte da produção do conhecimento e a presença da neutralidade científica, como uma espécie de mitologia social sobre a ciência também é algo que devemos ter como presença ativa na representação arquetípica do cientista. No entanto, devemos não negar a presença das ideologias, o que seria inevitável e impossível, mas ter em mente que é possível sempre ter uma postura crítica sobre a infiltração dos interesses individuais e coletivos na produção do conhecimento.

Como visto na relação entre diferentes ideologias e modos de produção, capitalismo/socialismo e neoliberalismo e marxismo (socialismo) de Estado, quando transpomos esta questão da ideologia científica para o ambiente escolar o cuidado deve ser ainda maior.

Há sempre o risco de pautarmos nossas interpretações e discursos pedagógicos de acordo com nossas bases formativas e referenciais teórico-metodológicos. Deve-se sempre colocar em primeiro plano a formação plena do estudante, possibilitando ao mesmo o contato com as diferentes visões de mundo que fazem parte das correntes de pensamento e matrizes paradigmáticas das ciências que este estuda no ambiente escolar.:

Em síntese, quando se fala em apropriação do legado cultural da humanidade como um dos núcleos fundamentais de atenção da ação escolar, não se está expressando a exclusiva necessidade de retenção de informações, mas sim a apropriação ativa dos conhecimentos, o que implica apropriação da informação, apropriação da metodologia e sua utilização, assim como a sua utilização na inventividade. (LUCKESI, 2011, p. 109).

Esta não é uma tarefa tão simples, pois estamos inseridos em situações e contextos, e como a escola faz parte de uma totalidade social, também seremos influenciados pelos movimentos dos acontecimentos desta totalidade: “Socialmente, a apropriação dos conhecimentos é um direito de todos os seres humanos. Esses conhecimentos foram produzidos dentro da sociedade e, por isso, a ela pertencem.” (LUCKESI, 2011, p. 109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação dos professores deve se pautar em um embasamento claro de função social, ou seja, a de apresentar e problematizar os saberes acadêmicos de sua formação aos estudantes. Seus posicionamentos fazem parte tanto de sua individualidade como sujeito como de sua inserção espaço-temporal em uma corrente de pensamento ou matriz paradigmática vigente ou dominante. Deve-se, sempre observar para estas questões, para que o conhecimento ofertado nas escolas abarque a complexidade de visões de mundo que compõem a realidade.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. *Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995.

LUCKESI, Cipriano. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

PONTUSCKHA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomokolyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para Ensinar e Aprender Geografia*. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - Doutor em Geografia pela Unesp, campus de Rio Claro\SP, Mestre em Geografia pela UnB, campus Darcy Ribeiro. Professor de Geografia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4238-0139> E-mail: gcca99@gmail.com

Sidelmar Alves da Silva Kunz – Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB, Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB, Especialista em Ontologia e Epistemologia pela Faculdade Unyleya, Especialista em Supervisão Escolar pela Faculdade do Noroeste de

Minas Gerais - FINOM, Licenciado Pleno em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG e Licenciando em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Contribuições de Anísio Teixeira para a Educação Brasileira (GEPAT/UnB) e Pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0793-1946> E-mail: sidel.gea@gmail.com

Recebido para publicação em 28 de julho de 2019.

Aceito para publicação em 13 de setembro 2019.

Publicado em 09 de dezembro de 2019.